

# O BRASIL NO ESPELHO

por Natalício Batista Jr.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Natalício Batista Jr. é jornalista, Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC/SP) e Especialista em Política e Relações Internacionais (FESP SP).

**N**a história escrita sobre Brasil, pouquíssimos livros revelaram a ambivalência dos acontecimentos, a repressão aos brasileiros marginalizados, o saldo da modernização capitalista apressada e a identidade nacional caricata. Desde das capitânicas hereditárias, o país segue sob os erros das decisões políticas das elites, o déficit democrático e a ausência da distribuição equilibrada de renda. Além disso, continua a esconder os conflitos de classes e preconceitos entre raças, defendendo-se como uma democracia racial e cultural. Mais do que um livro de história do Brasil, **Brasil: uma biografia** procura respostas para os desencontros da justiça social no país.

Qual a importância de pensar e rever a história do Brasil, principalmente hoje, quando se questiona os limites da democracia e a integridade de políticos e das instituições republicanas do país? Este foi um dos desafios das historiadoras Heloísa M. Starling e Lília M. Schwarcz no livro *Brasil: uma biografia* (Ed. Cia. das Letras, 2015). A obra resultou do fôlego das autoras

em contar a história do país a partir da diversificação das fontes históricas, da contribuição do pensamento social brasileiro e pela atenção à temas mal resolvidos no Brasil: a cidadania, os direitos e a justiça social. Embora com o mérito de somar os conhecimentos da história com os das ciências sociais, da cultura e artes, numa visão multidisciplinar e linguagem acessível, o livro reafirmou teses já defendidas por historiadores e autores do chamado pensamento social brasileiro como Gilberto Freyre, Caio Prado Junior e Sergio Buarque de Holanda.

O livro apresentou a história do país a partir da seleção dos fatos, personagens e imagens que revelaram o caráter contundente da historiografia oficial, numa narração que abandonou a predominância dos atos e momentos emblemáticos, assertivos, justos e grandiosos. A ideia do gênero biográfico não foi por acaso e, sendo um país, tornou-se ainda mais difícil. As historiadoras justificaram a escolha. Aos biografados permite-se apresentar uma vida também constituída por erros e retrocessos, fracassos e frustrações. Assim, interessou pensar o Brasil pelas micro histórias dos grupos sociais em conflitos nos períodos colonial, imperial e republicano. Nesta perspectiva, coube às autoras, encontrar as singularidades e ambivalências do Brasil no cotidiano das ruas e da família; no dia a dia do trabalho e das festas; nos hábitos e costumes de gente anônima e simples. Na leitura da vida dos antepassados, a história brasileira não se mostrou pacífica ou

uniforme, mas construída por guerras e massacres pouco mencionados na tradição dos livros de história, sobretudo, os direcionados à educação básica.

A diversidade de assuntos abordados em *Brasil: uma biografia* deveu-se ao currículo das autoras. Professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e membro do Conselho Curador da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), Heloísa M. Starling tem formação em história, mestrado e doutorado em ciência política, dedicando-se, na carreira acadêmica, à vários estudos sobre a república e justiça, literatura, história política e cultural do Brasil. Lilia M. Schwarcz é livre docente pela Universidade São Paulo (USP), onde também é professora. Historiadora, possui mestrado e doutorado em antropologia social, formação que explica seu interesse por temas fronteiriços entre história e antropologia, como a recepção das teorias antropológicas no Brasil, a relação entre história, pensamento social brasileiro e os reflexos na cultura e artes do Brasil e, mais recentemente, o uso das imagens pela história e as ciências sociais. Já tendo publicado livros sobre momentos e personagens da política e cultura brasileira, como a independência e a ditadura militar, D. Pedro II, Joaquim Nabuco e Lima Barreto, as autoras apresentam maturidade intelectual num livro com riqueza de notas, bibliografia, índice remisso e imagens. Para entender o Brasil, a história não é o único caminho possível, daí,

o apoio e contribuição de outras disciplinas e áreas das ciências sociais e humanidades.

Nos capítulos da obra, a cronologia dos fatos e períodos da história do Brasil é interceptada pela análise de temas, conferindo abordagens multidisciplinares sobre o país. Para cada momento ou fase apresentado no livro, aspectos sociais, culturais e artísticos são levados em consideração, como, por exemplo, as origens e extensões dos cultos religiosos afrodescendentes. O interesse pelas contribuições antropológicas na História é expressivo desde as décadas de 1970 e 1980 e antes, sobretudo, fortaleceu-se pela Escola de Annales, com os estudos de Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel, quando as mentalidades e a cultura material dos povos e civilizações deixaram de ser assunto exclusivo das pesquisas antropológicas e etnológicas. O estudo histórico das culturas levou o historiador à campo e a pesquisa-participante. Em busca de dados e fontes variadas, inclusive as orais, ele flexibilizou a autoridade e objetividade das fontes tradicionais como jornais, documentos oficiais e arquivos institucionais. Assim, para a professora Lilia Moritz Schwarcz, a aproximação da história à antropologia continua desafiadora e reveladora de aspectos não observados pela historiografia oficial brasileira. O assunto atrai Schwarcz, principalmente a reflexão e crítica de como certas escolas e autores da antropologia dialogaram com o modelo ocidental de história, pensada como disciplina e conceito universal, sustentada

a partir da comprovação documental e da noção de cronologia temporal. Como a história é “categoria fundamental do conhecimento”, na visão de E. Durkheim, e de todas as sociedades construirão sua noção de tempo, é preciso entender que cada uma realiza o tempo de maneira própria, diversa e autoral. Assim, no livro *Brasil: uma biografia*, a história do país é entendida como a experiência da passagem do tempo que produz particularidades.

O encontro entre essas áreas de conhecimento é propositivo, pois cruzou referências teóricas, conceitos e metodologias aptas a compor quadros mais completos a respeito das realidades sociais específicas do Brasil ao longo do tempo. Se a história é vista como ciência, método e processo coletivo e dialético de produção de conhecimento, cada vez mais, os processos e transformações sofridos pelos grupos sociais são percebidos a partir da historicidade da vida social, da cultura e das concepções que explicam o que é o “homem”, ou seja, a identidade do humano. Desta maneira, a história ao se debruçar sobre as mudanças no espaço e no tempo está a serviço de ampliar a consciência do local social, do lugar onde os homens expressam-se como indivíduos e em grupo.

## O BRASIL FRENTE AO ESPELHO

A chegada dos portugueses ao Brasil não foi apenas o resultado da ascensão do império colonial

de Portugal, com domínios nos quatro continentes. Os primeiros anos da conquista marcaram as indefinições sobre as formas de ocupação, administração e exploração das terras e, sobretudo, o desconhecimento sobre a geografia da região, o despreparo dos portugueses em relação aos povos nativos e a formação de um imaginário sobre a terra tropical e seus habitantes que revelavam tanto a curiosidade quanto a rejeição aos índios, ora a vulnerabilidade dos portugueses aos ataques, ora a reação violenta aos indígenas. O “achamento” do Brasil, como referiram-se as autoras, rapidamente, foi acompanhado de teorias sobre a origem dos índios e da suposta “nova” humanidade dos povos da região. Não por acaso, difundiram-se ideias de um “encontro pacífico” a despeito das diferenças políticas, culturais e linguísticas.

Em seguida, o livro reserva boa atenção à história e análise do modelo de sociedade nascida com expansão da exploração da cana de açúcar, da mineração e do café. Com economia baseada na exploração da mão de obra escrava, em plantations e na extração não planejada e insustentável dos recursos minerais, os séculos 16, 17 e 18 foram decisivos para: o enraizamento da economia e sociedade colonial; o modelo de concentração de terra e renda; os modos de ocupação territorial e a formação das diferenças e desequilíbrios regionais; a pequena (ou nula) variedade de commodities agrícolas e a vocação agroexportadora do Brasil; mas também para a formação de uma

sociedade mestiça, com processos e mecanismos diversos de apropriações culturais e formas de resistência. Dentro do âmbito político e econômico do sistema internacional moderno, sob o poder desigual dos continentes, metrópoles e colônias, o Brasil ocupou posições periféricas ao longo da sua história, argumentam as autoras, à luz dos estudos sobre a economia escravocrata e das obras de historiadores como Evaldo Cabral de Mello, Luiz Felipe de Alencastro, Fernando Novais e Carlos Guilherme Mota.

No período imperial, o Brasil foi uma monarquia brasileira cercada de repúblicas na América Latina, condição que definiu instabilidades políticas e as desconfianças diplomáticas dos países latinos vizinhos, revelam as Starling e Moritz Schwarcz no livro. O país pouco entendeu sua latinidade e, nos livros de história do Brasil, não se encontram muitos capítulos sobre o assunto. Cada vez mais, impõe-se a necessidade de compreender as particularidades do Brasil, seu papel na história política e econômica da América do Sul.

Em *Brasil: uma biografia*, curiosidades da vida privada dos brasileiros ganham destaque, mostrando que as decisões políticas e econômicas tomadas ao longo do tempo por elites e governos, refletiram-se nas formas de pensar, agir e conviver, presentes no cotidiano contraditório e particular, miserável e luxuoso, tenso e alegre, das capitânicas hereditárias, aldeias e quilombos, das casas grandes e senzalas, do campo e centros urbanos, dos

shoppings e favelas, do Norte e Sul do país.

Para as autoras, nenhum país passou impune ou superou, sem deixar vestígios, o passado colonial, a exploração econômica e ambiental, a escravidão e o genocídio das populações nativas. Essas questões deixaram marcas e, em muitos casos, faltou interesse e ou maturidade para assumi-las pelas gerações. As feridas mal cicatrizadas acabaram determinando estratégias equivocadas ou falsas da identidade nacional, sujeitas à toda sorte de caricatura e disfarce desde do Segundo Reinado. A história do Brasil contada de forma uniforme serviu à construção da imagem de um país que a partir da República esteve à procura de sua brasilidade, longe da condição de súditos ou de país escravocrata. No entanto, segundo Heloísa Starling e Lilia Moritz Schwarcz, o processo foi tortuoso pelas formas de subcidadania oferecidas aos ex-escravos após o “treze de maio”, pelo mascaramento das contradições e manutenção das estruturas latifundiárias no campo. O Brasil ingressava na modernidade de maneira apressada, sem mudanças estruturais de base, como revelam as autoras auxiliadas pelos estudos de Caio Prado Jr, Florestan Fernandes e Celso Furtado.

Entre os saldos das dinâmicas econômicas e políticas da época colonial e imperial, houve como herança do mandonismo, o coronealismo, o clientelismo e a “cultura do favor” que embaralhou os limites entre público e privado, configurando o perfil das instituições e classes políticas, também

comprometendo o sentido do que é público a partir da negação dos direitos civis e sociais na jovem nação republicana brasileira. Além disso, a baixa estima pela cultura indígena e africana, a importação dos valores, instituições e hábitos estrangeiros, a culpabilização dos mais pobres, bem como o interesse pelo embranquecimento e a defesa da ideologia da democracia racial são sinais visíveis ainda hoje. O

país continua com dificuldades de se ver no espelho pois foi acostumado a se enxergar pelos filtros do exterior.

**Brasil: uma biografia**

Heloísa M. Starling e Lilia M. Schwarcz

Editora Companhia das Letras

1ª Edição

São Paulo, 2015

694 páginas